



## **PRÁXIS DE TRANSFORMAÇÃO: DIÁLOGO ENTRE PAULO FREIRE, IGNÁCIO MARTÍN-BARÓ E JON SOBRINO.**

SCHLÖSSER, Adriano<sup>1</sup> - UFSC

Grupo de Trabalho – Ensino Religioso  
Agência Financiadora: não contou com financiamento

### **Resumo**

Para a promoção da dignidade humana, faz-se necessário que o ser humano encontre-se consciente de sua condição, livre para decidir seus caminhos, e responsável por suas escolhas. Partindo da premissa de que toda construção do conhecimento deve contribuir para libertar tudo aquilo que oprime o ser humano e o priva de uma consciência crítica, o presente artigo tem por objetivo investigar a interface entre teologia da libertação, pedagogia da libertação e psicologia da libertação acerca da práxis de transformação, mediante uma reflexão teórica, buscando desenvolver diálogos entre três expoentes na temática: o psicólogo social Ignacio Martín-Baró, o pedagogo Paulo Freire e o teólogo Jon Sobrino, figuras chave em suas respectivas correntes teóricas, pontuando as aproximações conceituais identificadas através da leitura e análise de suas obras voltadas à temática aqui enfocada. Através da análise de suas produções, a literatura indicou inúmeras contribuições destes autores na promoção da dignidade humana, entendendo a práxis como uma ruptura nas estruturas sociais opressoras e excludentes em favor dos marginalizados, da justiça e da igualdade social, e contra o processo de marginalização destes. Em seus debates teóricos, os principais conceitos compartilhados são: conscientização, diálogo, libertação e ação transformadora, uma vez que vivenciaram todo um período de lutas em oposição a regimes ditatoriais, nos quais uma pequena elite subjugava os menos favorecidos. Propõe-se a busca de superação, de uma sociedade alienada e individualizante, para um modelo que prima o diálogo, o respeito e a consciência crítica, colocando o conhecimento a serviço de uma sociedade mais humana e igualitária.

**Palavras-chave:** Psicologia da Libertação; Pedagogia da libertação; Teologia da libertação; Práxis de Transformação; práxis de transformação.

---

<sup>1</sup> Psicólogo. Mestrando em Psicologia pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, com ênfase em Saúde e Desenvolvimento Psicológico. E-mail: adriano.psicologia@yahoo.com.br.

## Introdução

A escolha do tema apresentado neste artigo deu-se devido à influência que o tema libertação e transformação social têm na região centro americana e latino americano. De fato, tal interface é realizada considerando que toda construção do conhecimento deve visar contribuir para libertar tudo aquilo que oprime o ser humano.

Para se compreender as origens dos referenciais teóricos aqui analisados – tanto a pedagogia e psicologia quanto a teologia da libertação – faz-se necessário uma breve análise histórica de tais movimentos, tendo como fato marcante a realização do Concílio Vaticano II (1961-1965) que influenciou produtivamente as experiências latino e centro-americanas em suas lutas contra os sistemas opressores, desencadeando assim numa proposta de libertação frente às opressões que as maiorias populacionais padeciam – e padecem - em nosso continente (GUARESCHI, 2009).

Segundo Boff (1984), durante o período conciliar, diversos países da América Latina (AL) vivenciavam uma crise sem precedentes, abarcando diversas direções: problemas sociais, econômicos, políticos e ideológicos. Tal fato se devia ao modelo capitalista imperante, que, sob a face do progresso e do desenvolvimento, se beneficiavam dos países pobres e de sua população, instalando assim diversos governos ditatoriais pela América. É nesse contexto de opressão que se inicia o processo de libertação e transformação.

Inicia-se um crescente aumento de sindicatos, organizações sociais e discussões universitárias que, analisando sua realidade, percebiam que a razão de seu país estar em subdesenvolvimento centrava-se em problemas políticos, nos quais a elite buscava deixar suas populações sob um mesmo regime político-econômico. Neste contexto que surgem as primeiras comunidades eclesiais de base (CEBs), ganhando enorme relevância social e política por parte da população, uma vez que se constituíam num espaço livre, onde o povo se reunia para discutir seus problemas, bem como para resistir a crescente ditadura imposta à população. Neste período, surge também um novo modelo de pedagogia, iniciada por Paulo Freire, considerada uma pedagogia do oprimido, que objetivava libertar o homem das amarras que o oprimiam, por meio de uma conscientização crítica (FREIRE, 1980).

Nestas organizações sociais de resistência, começa a eclodir uma palavra de ordem: libertação. Libertação, segundo Boff (1984, pg. 23) seria uma “ruptura no modo de ver e atuar na sociedade (...): a partir dos oprimidos contra a opressão; a favor dos pobres, contra o seu empobrecimento”. A meta que se busca alcançar é a de um homem verdadeiramente livre e

consciente, libertando-se dos grilhões que o impedem a uma vida digna, sendo este um conceito que se constituiu por práticas concretas (GUARESCHI, 2009), ou seja, por práxis de transformação.

É nesta realidade que surge a Teologia da Libertação, que visava não apenas refletir sobre a realidade sofrida imposta a população, mas a de buscar práticas concretas de libertação, havendo sempre a interface da reflexão-ação nos processos sociais. Parte-se da realidade política e do compromisso solidário com os oprimidos para chegar-se, de fato, a libertação (BOFF, 1984), devolvendo ao ser humano sua dignidade, tornando-os novamente sujeitos ativos de sua história (BOFF, 1990).

Neste contexto também surge a Psicologia da Libertação, desenvolvida pelo psicólogo e jesuíta Ignacio Martín-Baró, que vivenciou as barbáries de miséria e opressão no qual o povo salvadorenho era submetido, mediante o sistema político imposto a sua população. O referido autor desenvolveu um modelo teórico, também sob a bandeira da libertação, que buscava, através de reflexão e práxis, novas possibilidades de libertação. Este defendia que, assim como a teologia, a psicologia deveria atuar como um instrumento de transformação social frente aos problemas enfrentados: desigualdades sociais, miséria e pobreza, mediante a conscientização da população de sua realidade, para posteriormente libertar-se dos condicionamentos sociais impostos pelos regimes sócio-ideológicos (MARTIN-BARÓ, 1996; IBÁÑEZ, 2005).

Com efeito, o presente trabalho consiste em uma revisão de literatura e tem como objetivo geral investigar a interface entre teologia da libertação, pedagogia da libertação e psicologia da libertação acerca da práxis de transformação, mediante uma reflexão teórica, buscando desenvolver diálogos entre três expoentes na temática: o psicólogo social Ignacio Martín-Baró, o pedagogo Paulo Freire e o teólogo Jon Sobrino, pontuando as aproximações conceituais identificados por meio da leitura e análise de suas obras.

## **Desenvolvimento**

### ***Práxis de Transformação na Teologia da Libertação, segundo Jon Sobrino***

Jon Sobrino, teólogo salvadorenho, nasceu em Barcelona (Espanha), em 27 de dezembro de 1938, sendo ele sacerdote jesuíta, levando-o como missionário a realizar seus trabalhos em El Salvador, morando neste país a partir de 1957, adotando-o como sua pátria.

Sua formação teológica desenvolveu-se no espírito do Concílio Vaticano II, o que influenciou decisivamente em suas atividades teóricas e pastorais. O mesmo doutorou-se em Teologia pela Universidade Hochschule Sankt Georgen de Frankfurt, e é doutor honoris causa pelas universidades de Lovain (Bélgica) e Santa Clara (Califórnia). Foi assessor teológico do arcebispo de San Salvador, D. Oscar Romero, assassinado em março de 1980, pela direita salvadorenha. J. Sobrino, também perseguido pela ditadura de El Salvador, escapou do atentado realizado pelos militares do país, no qual foram assassinados seis companheiros jesuítas e duas mulheres, dentre eles o psicólogo Ignacio Martín-Baró, em novembro de 1989. (KRAISCH, 2008; SOBRINO, 1990).

A realidade salvadorenha marcou profundamente a vida e a obra de J. Sobrino. Ele se manifesta como testemunha da cruel injustiça e pobreza, dos massacres e terremotos que o povo salvadorenho foi vítima (SOBRINO, 2007), também testemunhando a esperança e solidariedade de povo sofrido (SOBRINO, 1994). Este, ao dar-se conta da miséria infringida ao povo salvadorenho, bem como aos demais povos sofridos da região, percebe que a realidade do continente americano exige uma imediata transformação, que só virá através da libertação concreta contra as opressões continuamente impostas aos esquecidos da sociedade.

Numa realidade vivenciada pelo Terceiro Mundo, J. Sobrino e a Teologia da Libertação vêem a libertação como categoria que unifica e articula a teoria e a práxis como forma de romper com o *status quo* reforçado pelas estruturas sociais vigentes, elitistas e excludentes.

Em grande parte de suas obras (SOBRINO, 1982; 1983; 1996; 2000; 2008) o principal traço a ser levantado no modo como Sobrino analisa a teologia é o foco na figura histórica de Jesus, que, para ele, se compadeceu dos mais pobres e excluídos, levando-o a todos a buscar fazer o mesmo. A partir do paradigma da libertação, busca superar esta situação, que impede o ser humano a viver sua dignidade (SOBRINO, 1996). Percebe-se, então, que a preocupação com o mundo dos pobres consiste num marco essencial na teologia de J. Sobrino, trazendo a tona uma nova reflexão teológica latino-americana, em face aos desafios que acompanham a realidade sofrida dos povos deste continente (KRAISCH, 2008).

Em suas reflexões metodológicas e teológicas, que partem sempre da historicidade da América Latina, este sempre privilegia os pobres, pondo-os como seu marco teológico e buscando, através da premissa do ver- julgar- agir, novas estratégias práticas de como transformar esta realidade, de como tirar do sofrimento este povo já tão sofrido. Segundo ele,

sua pergunta teológica fundamental é: “Somos ou não humanos e, para os crentes, nossa fé é ou não humana?” (SOBRINO, 1994, pg. 15).

E como este responde em sua prática? Através do testemunho de vida, sob a condição de transformar a mente, os olhos e o coração (SOBRINO, 1994). Para ele, a proposta de transformação se concretiza a medida que compreende-se a realidade de opressão a partir das vítimas, e a partir dela, um Reino de justiça e igualdade na medida em que a esperança de um Mundo mais igual se mistura com a práxis de transformação social.

Num mundo de vítimas, o teólogo salvadorenho não fica indiferente ante o sofrimento de seu povo, conclamando as pessoas a um despertar para a realidade de um mundo oprimido (SOBRINO, 1994). O caminho teológico de J. Sobrino se traduz em fé e esperança na mudança, bem como na luta constante para transformar esta realidade na qual também vivencia em sua jornada de compartilhar o sofrimento com o povo de El Salvador.

### ***Práxis de Transformação na Psicologia da Libertação, segundo Ignacio Martín-Baró***

Ignacio Martín-Baró nasceu na Espanha, mas viveu por décadas em El Salvador. Foi sacerdote jesuíta, teólogo e psicólogo. Doutorou-se em Psicologia Social e das Organizações pela Universidade de Chicago. Professor convidado de diversas universidades, e autor de diversas obras. Foi assassinado em 16 de novembro de 1989 por soldados do governo salvadorenho (MARTINS, 2003).

Seu histórico pessoal foi prioritariamente marcado pelo seu engajamento político, mediante seu direcionamento em favor dos oprimidos, abraçando em suas atividades a opção preferencial pelos pobres. Mediante tal perspectiva, procurou práticas dentro do campo psicológico que possibilitassem, de fato, uma psicologia libertadora, preocupada com as necessidades e experiências dos marginalizados.

Fez uso de bases epistemológicas da psicologia social, tais como: identidade, ideologia e comunidade. Propõe uma psicologia histórica, que não analise os sujeitos como inerentes ao seu contexto sócio-político, combatendo assim o individualismo imperado no modelo capitalista (Furtado, 2000). Para “Nacho” – apelido com que Martín-Baró era conhecido entre seus amigos – umas das principais tarefas da psicologia social era a promoção da conscientização como estratégia de transformação, bem como um horizonte do que fazer psicológico, preocupação constante nas obras de tal autor (MARTÍN-BARÓ, 1986; 1996).

A conscientização constitui-se como marco central na práxis da psicologia da libertação, articulando a dimensão psicológica da consciência pessoal com a dimensão política e social (MARTÍN-BARÓ, 1986), uma vez que tal processo compõe-se de três aspectos: a) não pode ocorrer através de imposição, mas pelo diálogo; b) se desnatura a realidade opressora, mediante a captação dos mecanismos que desumanizam e marginalizam os cidadãos, por meio de uma consciência crítica da realidade, abrindo novas perspectivas de práxis social; c) através desta nova concepção da realidade, altera-se também o modo como a pessoa percebe a si mesma, transformando assim sua identidade social (MARTÍN-BARÓ, 1996).

Esta proposta de conscientização como práxis de transformação social não se fixa numa perspectiva individualizante, mas sim uma transformação das pessoas em seu processo de alterar sua relação com o meio, haja vista que, segundo Martín-Baró (1996, pg. 17): “(...) não há saber transformador da realidade que não envolva uma mudança de relações entre os seres humanos”. Para que, de fato, a psicologia se comprometa com as transformações sociais e que haja uma psicologia da libertação como práxis de transformação, são propostos três elementos considerados por Martín-Baró (1986) como essenciais: um novo horizonte (ou seja, uma psicologia comprometida com a ruptura das cadeias de opressão social e pessoal); uma nova epistemologia (necessitando uma revisão crítica de diversos conceitos psicológicos, sob a perspectiva das maiorias populares, bem como a necessidade de criar novas formas de conhecimento que promovam a conscientização e a liberdade humana); e uma nova práxis (mediante o apoio às causas populares).

### ***Práxis de Transformação na Pedagogia da Libertação, segundo Paulo Freire***

Paulo Freire, pedagogo brasileiro nascido em Recife (1921), cursou Direito, doutorando-se em Filosofia e História da Educação, sendo considerado um dos mais influentes pedagogos do século XX. Durante a infância, vivenciou a miséria, o que influenciou profundamente seu modo de refletir sobre a realidade.

Envolvido inicialmente no movimento da Teologia da Libertação, Freire dedicou-se à alfabetização dos pobres, como forma de conscientização e libertação dos marginalizados. Em 1961, foi indicado para exercer o cargo de diretor do Departamento de Extensões Culturais da Universidade do Recife, podendo aplicar suas teorias de modo mais efetivo. No ano de 1964, durante o golpe militar, foi preso como traidor por 70 dias, e exilado. Atuou na Bolívia, Chile,

e posteriormente foi convidado a lecionar em Harvard, em 1969. Ao longo de sua vida, ganhou prêmios e dedicou-se a ações culturais de educação dos menos favorecidos. Após várias atuações em outras partes do Mundo, tais como Cambridge e Genebra, retorna ao Brasil em 1980, atuando como docente, Secretário de Educação da cidade de São Paulo e em demais atividades políticas. Faleceu em 1997, em decorrência de um infarto.

A condição de sofrimento e marginalização tem papel central em sua atuação, uma vez que, desde a infância, manteve contato com as camadas mais pobres, permitindo-lhe ter acesso a linguagem popular, o que influenciou suas atividades posteriores. É neste contexto que surge sua perspectiva de educação como prática da liberdade, ou seja, educação como *práxis*.

O que é *práxis*, para Freire? E como uma educação voltada para a *práxis* pode contribuir na transformação social? Tais questionamentos são centrais em sua vida e obra, delineando toda sua perspectiva teórica e prática. Para Freire, educação seria uma experiência dialógica de libertação humana, que somente acontece no diálogo crítico entre educando e educador (SCHIMIED-KOWARZIK, 1983). Esta conotação transpõe o antigo modelo educacional, enquanto concepção bancária da educação como instrumento da opressão, no qual o povo seria uma tabula rasa no qual se deposita o conhecimento (FREIRE, 2003). Ao contrário, o conhecimento, pela perspectiva de Freire, ocorre através da criatividade, do processo de criar e recriar, na busca constante pelo saber.

Mais do que um modelo de educação, Freire propõe um modelo educacional que rompa o *status quo* social e transforme a realidade, tornando cada pessoa um ser emancipado, consciente e, conseqüentemente, livre. Para tanto, a mesma ocorre através da *práxis*.

*Práxis*, em grego, tem por significado ação, mas não em seu sentido utilitário. A ação refletida pela *práxis* volta-se enquanto ação transformadora, que modifique a realidade, humanizando-a (GADOTTI, 1996). Através desta prática de oposição a formas de opressão, o modelo pedagógico proposto por Paulo Freire contribui para a libertação e transformação, de indivíduo alienado a sujeito cognoscente, mediante a *práxis* enquanto unificação entre ação e reflexão (SHOR e FREIRE, 1987).

É justamente neste processo dialógico que se constrói a Pedagogia da Libertação, no qual Freire postula a necessidade de uma pedagogia voltada a emancipação do povo oprimido. Em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (2003), lançada em 1970, Freire reflete um modelo pedagógico em que o educador, através de uma educação dialógica problematizante e

participante, ancorada na confiança, na fé nos homens e na construção de uma sociedade em que cada pessoa seja valorizada pelo que é.

Neste campo do conhecimento, a proposta de ação transformadora é compreendida como forma de conscientização da população, em que, cientes de sua condição de opressão, passem a desenvolver uma consciência crítica, baseados na lógica do oprimido. A pedagogia da libertação, em sua proposta de práxis de transformação, reflete um movimento de liberdade que tem início e se desenvolve a partir dos oprimidos e marginalizados, sendo a pedagogia uma das formas de segmento de resistência e mudança social (FREIRE, 2003).

### ***Interface entre Pedagogia, Psicologia e Teologia da Libertação, para Paulo Freire, Jon Sobrino e Ignacio Martín-Baró***

A pobreza, o aumento da desigualdade social e do sofrimento humano, as transformações político-econômicas e sócio-culturais, bem como as revoluções tecnológicas e científicas, carregam em si duas realidades a serem cuidadosamente refletidas: faz emergir uma nova elite social, que domina as tecnologias globais e as forças de produção, mas que não impede um crescente aumento no número de demissões e empobrecimento populacional, que trazem poucas possibilidades de trabalho digno ante a atual economia global (KRAISCH, 2008). Neste contexto de pobreza e exclusão que se situam Paulo Freire, Jon Sobrino e Ignacio Martín-Baró, militantes pela libertação e transformação social.

Suas experiências teóricas foram vivenciadas numa realidade de embates e conflitos, abrindo espaços de reflexão, conscientização e práxis de transformação, sob a perspectiva dos oprimidos do sistema, compartilhando uma mesma opção, seja ela no campo pedagógico, teológico ou psicológico: sua opção preferencial pelos necessitados e pela libertação. Não obstante, de que necessitados tais autores se referem? Para ambos, são todos aqueles que passam necessidade, os empobrecidos e abandonados, que vivem e sofrem em sua carne as injustiças provocadas por um sistema desigual (SOBRINO, 1982, 2008; GALILEA, 1978). Logo, é preciso dar a este povo condições para que possam ser livres, dar-lhes instrumentos que os façam sujeitos de suas histórias (MARTÍN-BARÓ, 1986; OSÓRIO, 2009), através da perda do medo de ser livre, mediante a passagem de uma conscientização ingênua para uma consciência crítica (FREIRE, 2003).

Contudo, deve-se verificar que a práxis de transformação proposta nas obras de Freire, Sobrino e Martín-Baró não se reduzem ao nível econômico ou ao bem estar material. Para

haver, de fato, as devidas transformações necessárias, é preciso visualizar a fraternidade como condição primeira para a liberdade, e, principalmente, a conscientização.

A ideia de conscientização de Martín-Baró (1998) viabiliza os meios para chegar-se a esta libertação, possibilitando que cada sujeito adquira a consciência de que é pela fraternidade que se rompem os grilhões das opressões. Em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, Freire (2003) posiciona-se de modo semelhante, no qual a conscientização tende a humanizar a humanidade, de modo de este passe a lutar por sua liberdade, enfrentando uma classe dominadora que, através da opressão, exploração e injustiça tenta manter-se no poder.

Para Martín-Baró, "... alfabetizar-se é, sobretudo, aprender a ler a realidade circundante e a escrever a própria história" (1996, pg. 16). É esta perspectiva que Freire também corrobora, sendo a dialogicidade a real essência da educação como prática da liberdade. Para ambos, o diálogo origina a práxis, enquanto forma de criação que busca a libertação dos homens. Na perspectiva de Martín-Baró, a teologia da libertação foi capaz de levar as pessoas a refletir e estimular as lutas vivenciadas pelos oprimidos com mais força do que as análises psicológicas sobre a modernização ou as mudanças sociais, uma vez que o cerne da teologia da libertação está no fazer, e não apenas no dizer (MARTÍN-BARÓ, 1986).

Neste quesito, Martín-Baró analisa que, para que a psicologia, de fato, vise a uma transformação social, é necessário uma (re) construção da identidade social dos trabalhadores (enfocando em sua realidade salvadorenha), mediante a noção de conscientização advinda de Paulo Freire. O processo de conscientização permite, no campo da práxis psicológica, responder às situações de injustiça, mediante uma consciência crítica sobre o que desencadeia na situação de alienação social. Sabe-se, contudo, que apenas a conscientização não altera a realidade, mas a mesma facilita o desencadeamento de mudanças, uma vez que permite mudar as relações sociais (MARTÍN-BARÓ, 1996).

Ademais, as obras teóricas e práticas de Freire, Sobrino e Martín-Baró mostram-se, além de complementares, provocativas e desafiadoras, uma vez que expressam a imprescindível necessidade de transformação através de ações concretas de conscientização, diálogo e ações práticas. Suas preocupações centrais são com a vida dos pobres, através da aterradora evidência dos povos sofridos da América Latina. Num continente tão sofrido e marginalizado, com a escancarada diferenciação entre ricos e pobres, é imperiosa a construção de uma nova realidade, de justiça e igualdade, sendo necessário transformar tudo

aquilo que impede o ser humano de ser livre, como lembra Sobrino, “descer da cruz os povos crucificados” (SOBRINO, 1994).

### **Considerações finais**

A realidade latino-americana clama por transformação. Essa constatação pode ser pontuada mediante a massiva e injusta pobreza em que vivem os povos latino-americanos. Entretanto, o que não nos deve fazer desistir e naturalizar tal situação é a esperança de transformação, e mais, a luta contra tais situações de miséria, que visam aniquilar a dignidade humana.

Os marginalizados, excluídos e miseráveis são as maiorias de nossa sociedade, e as questões que são trazidas ante sua realidade devem afetar a todos os cidadãos. Frente ao grito do oprimido – seja por pão, por trabalho ou por dignidade – deve-se primar pela transformação da realidade, sendo que esta só será efetivada quando se priorizar os problemas centrais que afligem o povo: o direito a vida, à saúde de qualidade, a educação crítica, ao trabalho digno, a moradia, e também o direito de todo cidadão a participar ativamente das decisões de seu país, mediante uma educação para a liberdade e para a conscientização.

Críticos vorazes de um sistema detentor dos interesses das classes dominantes, J. Sobrino, Paulo Freire e Martín-Baró vêm, através da transformação social, uma forma de modificar a desigualdade e a miséria que oprimem o ser humano em sua dignidade. Constroem uma teologia, pedagogia e psicologia com que contribua com a luta pela liberdade e justiça, desencadeando assim numa busca pela desalienação social por meio da libertação.

Esta premissa – liberdade – é o valor a ser buscado pela práxis da transformação, que procura o sentido da vida sem medo, sem exploração, levando a humanidade definitivamente a um processo de transformação. Os modelos de educação contemporâneos necessitam constantemente fincar-se nestes valores: uma conscientização que gere liberdade, que por sua vez gere responsabilidade, tornando assim o ser humano um sujeito que dignifique tanto sua condição quanto respeite a condição de seu semelhante.

### **REFERÊNCIAS**

BOFF, L. **Do lugar do pobre**. Petrópolis: Vozes, 1984.

BOFF, L. **Nova evangelização: perspectiva dos oprimidos**. Petrópolis: Vozes, 1990.

- FURTADO, O. Psicologia e compromisso social – Base epistemológica de uma psicologia crítica. **PSI- Rev. Psicol.Soc. Instit.** Londrina,PR., v. 2, n. 2, p. 217-229, 2000. Disponível em < <http://www.uel.br/ccb/psicologia/revista/artigo%205.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2013.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 36.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Edições Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. (3<sup>a</sup> ed.). São Paulo: Editora Moraes, 1980.
- GADOTTI, M. **Pedagogia da práxis**. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 1996.
- GALILEA, S. **Evangelizar os pobres?** São Paulo: Paulinas, 1978.
- GUARESCHI, P. Pressupostos Epistemológicos Implícitos no Conceito de Libertação. In: GUZZO, R.S.L.; LACERDA Jr., F. (orgs.). **Psicologia Social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação**. Campinas, SP: Alínea Ed, 2009.
- IBAÑEZ, L.C. La psicología social de Ignacio Martín-Baró o el imperativo de la crítica. In: OSNAYA, M. C., PEREZ, J. C. R.(comp.). **Psicología social em la posguerra: teoría y aplicaciones desde El Salvador**. San Salvador: UCA Editores, 2005.
- KRAISCH, G. **Jesus e o anúncio do Reino de Deus na Teologia de Jon Sobrino: A perspectiva das vítimas e o compromisso de descer da cruz os povos crucificados**. 2008. 137 f. Dissertação (Mestrado), Departamento de Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, BH.
- MARTÍN-BARÓ, I. Hacia una psicología de la liberación. **Boletín de Psicología**, v. 22, p.219-231, 1986. Disponível em: < <http://www.uca.edu.sv/deptos/psicolog/hacia.htm>>. Acesso em 20 mar. 2013.
- MARTÍN-BARÓ, I. La violencia política y la guerra como causas del trauma psicosocial em El Salvador. **Revista de Psicología de El Salvador**, v.7, n.28, p.123-141, 1988.
- MARTÍN-BARÓ, I. O papel do psicólogo. **Estudos de Psicologia**, v.2, n.1, p. 7-27, 1996. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v2n1/a02v2n1.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2013.
- MARTINS, S. T. F. Processo grupal e a questão do poder em Martín-Baró. **Psicologia & Sociedade**, v.15, n.1, p. 201-217, 2003. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010271822003000100011&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010271822003000100011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 12 mar. 2013.
- OSÓRIO, J. M. F. Ética e construção social da libertação latino-americana. In: GUZZO, R. S. L.; LACERDA JR., F. (orgs.). **Psicologia Social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação**. Campinas, SP: Alínea Ed, 2009.

SHOR, W. I.; FREIRE, P. **A pedagogy for liberation: dialogues on transforming education.** Bergin & Garvey Publishers, Inc., 1987.

SCHIMIED-KOWARSKY, W. **Pedagogia Dialética: de Aristóteles a Paulo Freire.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

SOBRINO, J. **Ressurreição da verdadeira Igreja: os pobres, lugar teológico da eclesiologia.** São Paulo: Loyola, 1982.

SOBRINO, J. **Cristologia a partir da América Latina: esboço a partir do seguimento de Jesus histórico.** Petrópolis: Vozes, 1983.

SOBRINO, J. **Os seis jesuítas mártires de El Salvador: Depoimento de Jon Sobrino.** São Paulo: Loyola, 1990.

SOBRINO, J. **O princípio misericórdia: descer da cruz os povos crucificados.** Petrópolis: Vozes, 1994.

SOBRINO, J. **Jesus Cristo Libertador: a história de Jesus de Nazaré (2ª ed.).** Petrópolis: Vozes, 1996.

SOBRINO, J. **A Fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas.** Petrópolis: Vozes, 2000.

SOBRINO, J. **Onde está Deus? Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia.** São Leopoldo: Sinodal, 2007.

SOBRINO, J. **Fora dos pobres não há salvação: pequenos ensaios utópico-proféticos.** São Paulo: Paulinas, 2008.